

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008****Metodologia de projetos e interdisciplinaridade: a experiência do Curso de Tecnologia em Hotelaria da Fatec Senac/RS ¹**Professora Mestre Tissiane Schmidt Dolci ²Professora Especialista Carolina Chaves ³

Faculdade de Tecnologia do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Fatec Senac/RS)

Resumo

O presente trabalho apresenta um relato de experiências sobre práticas interdisciplinares desenvolvidas no Curso de Hotelaria da Faculdade de Tecnologia do Senac/RS por meio da utilização da metodologia de projetos. Trata de aspectos educacionais relacionados à fragmentação dos currículos e da busca pela interdisciplinaridade. Aborda conceitos e etapas do trabalho com projetos no âmbito da educação, discutindo a atitude interdisciplinar do docente, a comunicação e o trabalho em equipe. Propõe uma discussão teórico-prática em busca de uma metodologia de projetos que permita e estimule o desenvolvimento das competências profissionais. A metodologia utilizada foi de caso de ensino e de coleta de dados a da observação participante. As pesquisadoras são participantes dos projetos, assim, trazendo as observações e interpretações da realidade.

Palavras-chave

Hotelaria; Metodologia de Projetos; Interdisciplinaridade;

Introdução

O trabalho com projetos e as práticas interdisciplinares tem sido muito evocadas no contexto educacional da atualidade, permeando o discurso de docentes e pesquisadores. Ao mesmo tempo é imprescindível que tais conceitos sejam aplicados na prática. Contudo, esses termos, em alguns casos, adquirem conotação de modismo perdendo seu sentido e valor, sendo utilizados indiscriminadamente para designar diferentes práticas pedagógicas, faltando uma compreensão real do seu significado.

¹ Trabalho apresentado ao GT 06 – Gestão responsável do turismo, do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul em 27 e 28 de junho de 2008.

² Mestre em Turismo e graduada em Tecnologia em Hotelaria pela UCS, coordenadora e professora do Tecnólogo em Hotelaria da Fatec Senac/RS, docente do Bacharelado em Hotelaria da UCS. Endereço eletrônico: tsdolci@senacrs.com.br

³ Especialista em Marketing (ESPM) e Gestão Estratégica de Pessoas (FGV) e graduada em Administração com Habilitação em Recursos Humanos pela UNISINOS, professora no curso de Tecnologia em Hotelaria da Fatec Senac/RS e da Pós-Graduação em Marketing de Moda na Fatec Senac/RS. Endereço eletrônico: hotelariapoa@senacrs.com.br

Neste sentido, buscamos compreender a interdisciplinaridade e os projetos em sua complexidade. Buscamos em Fazenda (2002, 2005, 2007), Severino (2007), Nogueira (2004) e Lück (2003) entre outros autores, as concepções teóricas que norteiam este artigo e são pontos de partida para reflexão sobre nossa prática docente. Não é a pretensão criticar a fragmentação dos currículos ou propor uma solução inovadora e mágica na construção de um trabalho interdisciplinar.

Mas sim, compartilhar as experiências, discutindo a trajetória, refletindo e buscando contribuir com o trabalho de outros grupos de estudo que encontram na interdisciplinaridade e nos projetos uma possibilidade educacional viável e compensadora. A prática tem mostrado que o trabalho é árduo, que não existem fórmulas únicas, o que funciona para um grupo pode não funcionar em outro. Sobretudo, apesar das dificuldades, a reflexão mostra que se esta no caminho certo e que os esforços são gratificantes.

1 Reflexões sobre a interdisciplinaridade

Vive-se atualmente numa época historicamente marcada pela quebra de paradigmas, pela revolução tecnológica, e pela globalização econômica, política e cultural. A ruptura de fronteiras espaciais e temporais, bem como as ligações em rede e as relações sistêmicas se fazem presentes acentuadamente neste novo contexto. Como é de se esperar, tais mudanças refletem diretamente no modo de pensar o fazer educativo. Nesta perspectiva, o caráter fragmentário expresso em muitas das práticas educacionais torna-se tema recorrente de debates por estudiosos da área.

Para Severino (2007) tal fragmentação se expressa de diferentes formas, dentre elas: a organização dos currículos por meio de conteúdos divididos em gavetas, atividades pedagógicas que não se integram e falta de articulação entre as atividades administrativas, técnicas e docentes de uma instituição educacional. Aponta ainda a “verdadeira ruptura entre o discurso teórico e a prática real dos agentes” (p.38) e a dificuldade para estabelecer objetivos comuns e no convergir esforços e recursos para alcançá-los.

Estas situações estão presentes em muitas de nossas instituições de ensino. É comum a falta de entendimento entre docentes, gestores e técnicos-administrativos sobre assuntos rotineiros como em relação às estratégias da instituição. Os docentes muitas vezes “despencam” na faculdade para ministrar suas aulas sem ao menos conhecer os objetivos e o projeto do curso, sabem somente da sua disciplina não tendo a visão do todo e das inter-

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

relações adjacentes a sua área de conhecimento. Tal fato tanto se dá em instituições que adotam o regime horista como em universidades com vários departamentos que alocam professores de determinada disciplina para diversos cursos.

Moraes (1997) define, a partir dos estudos de Doll Jr, que o sistema educacional pode ser *aberto* ou *fechado*. Denomina *fechado* aquele em que as informações são transmitidas e transferidas, ou seja, o sistema baseado na eficácia da transmissão. Em um sistema assim, o conhecimento está dividido entre as disciplinas, fragmentado e distante entre elas e em relação à vivência. O sistema educacional *aberto* compreende o pensamento sistêmico, ou seja, aquele em que as partes se conectam entre si, formando um todo. Desta forma, este sistema aberto “implica a existência de processos transformadores que decorrem da experiência, algo inerente a cada sujeito e que depende da interação e da transação entre sujeito e objeto, indivíduo e meio” (p. 99).

Na perspectiva da interação, a interdisciplinaridade se manifesta:

Quando se coloca a questão da interdisciplinaridade, pensa-se logo num processo integrador, articulado, orgânico, em que pesem as diferenças de formas, de meios, as atividades desenvolvidas levam a um mesmo fim. Sempre uma articulação entre totalidade e unidade (SEVERINO, 2007, p.42).

Conforme Klein (2007), a interdisciplinaridade surge como alternativa a fragmentação. Especificamente na educação superior, se originou com a reforma educacional no século XX que propôs currículos focados na solução de problemas e temas como resposta a superespecialização. Apesar de historicamente a palavra interdisciplinar ser desse período sua origem conceitual no ocidente remete a filosofia antiga com suas idéias de uma ciência unificada. Conforme Fazenda (2002, p.41):

Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração entre disciplinas diversas ou entre *setores heterogêneos* de uma mesma ciência. Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando um enriquecimento mútuo.

Ao unir o anteriormente apresentado a Severino (2007, p. 42), tem-se a direção de projeto interdisciplinar ao “processo integrador, articulado, orgânico, em que pesem as diferenças de formas, de meios, as atividades desenvolvidas levam a um mesmo fim. Sempre uma articulação entre totalidade e unidade”.

A aplicabilidade e valor da interdisciplinaridade em diferentes domínios são discutidos por Fazenda (2002), onde se destaca sua aplicação como um meio de atingir a formação profissional, geral e pesquisadora. Compreender e transformar o mundo atual, solucionar situações-problema, empreender, ser um profissional especialista e polivalente ao mesmo

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

tempo são algumas de nossas responsabilidades na formação de egressos do ensino superior. Para desenvolver estas capacidades é preciso transpor as barreiras entre as disciplinas, refletindo e sistematizando conhecimentos de diversas áreas do *saber, fazer e ser*. Gasparian (2005) considera a interdisciplinaridade como articuladora destes saberes acrescentando o saber viver junto, onde os projetos devem ser participativos com a colaboração recíproca entre vários saberes.

No pensamento de Fazenda (2002) a interdisciplinaridade se faz possível no rompimento de barreiras entre as disciplinas e para isso é preciso a transposição de barreiras entre os indivíduos. Como em qualquer situação de quebra de paradigmas haverá obstáculos que deverão ser transpostos, entre eles os institucionais, epistemológicos, metodológicos e materiais, bem como, os culturais e psicológicos.

se houvesse, por parte dos educadores, um esforço individual e coletivo no sentido de mudar a própria postura, procurando caminhos onde o querer, o buscar o novo fossem priorizados na construção do conhecimento, certamente não haveria a indissociabilidade entre a teoria e a prática (ELIAS e FELDMAN, 2002, p. 91).

Pode-se dizer que essa mudança de postura diz respeito a ter uma atitude interdisciplinar que se caracteriza pela humildade frente às limitações do saber próprio, pela busca do novo e do desafio, pela abertura ao diálogo e a troca, aceitando o “pensar do outro” (FAZENDA, 2005, p.18). Assim, um projeto interdisciplinar não funcionará se imposto, deverá surgir de uma proposta, pois precisará do envolvimento efetivo dos atores e de sua transformação.

Conforme Severino (2007) mesmo as práticas interdisciplinares num nível mais básico, como na integração curricular, dependem de um projeto educacional focado na intencionalidade dos educandos. Para o autor a interdisciplinaridade só poderá acontecer por meio de um projeto educacional entendido como “conjunto articulado de propostas e planos de ação com finalidades baseadas em valores previamente explicitados e assumidos, ou seja, de propostas e planos fundados na intencionalidade” (p. 39). Entende intencionalidade como a força que direciona a organização e funcionamento da instituição de ensino e que provém dos objetivos estabelecidos previamente. A intencionalidade conduzirá os sujeitos a atuarem como uma verdadeira equipe, “superando as idiossincrasias de seus projetos particulares de existência e de suas características pessoais” (p.39). Para Ferreira (2005) a prática interdisciplinar é caracterizada por intenções claras, objetivas, sem essa intencionalidade o diálogo e integração são vazios e até mesmo mecanicistas.

Acreditando na premissa de Fazenda (2005) “num projeto interdisciplinar nem se ensina, nem se aprende, vive-se, exerce-se” (p. 17), sendo preciso vivenciá-lo para compreendê-lo. Desta forma, imbuídos das concepções discutidas neste texto, a experiência com interdisciplinaridade e metodologia de projetos, mesmo que recente, trilha-se esse caminho no Curso de Tecnologia em Hotelaria da Fatec.

2 Metodologia e Projetos na Educação Superior

Cavaliere (2005) define que projeto é uma atividade que tem um início e um fim pré-determinados, sendo conduzido por pessoas que utilizam recursos para atingir propósitos previamente definidos. Conforme Lück (2003), a elaboração de projetos permite organizar ações, definir resultados e objetivos claros com base numa realidade existente, prever e articular recursos, obter informações pra melhoria contínua e monitorar e avaliar processos e ações. Para a autora, o mais importante da elaboração de um projeto são os processos mentais e sociais desencadeados nesta prática, na sua elaboração define-se um compromisso de ação, estabelecendo-se sua intencionalidade. Diz ainda que o processo de elaboração de projetos é aberto e flexível, pois deve permitir novas articulações e desdobramentos que surgem com as mudanças da realidade e as descobertas, devendo ser norteado por um espírito questionador, científico.

Moura e Barbosa (2006) apontam que as etapas de um projeto constituem-se de inicialização, planejamento, execução, controle e encerramento. Na inicialização se desenvolve uma visão geral do projeto, identificando-se o problema que ele se propõe a resolver, sua relevância e abrangência. No planejamento, o escopo do projeto é detalhado, desdobram-se as atividades e os prazos para executá-las de modo a alcançar os objetivos propostos. A fase da execução é caracterizada pela organização e coordenação das equipes, atribuindo-se tarefas, mediando conflitos, mantendo uma comunicação com os envolvidos e provendo os recursos para executar o planejado. No controle acompanha-se a execução do projeto, identificando-se desvios e propondo-se correções, re-planejando se for necessário. No encerramento se faz a avaliação e análise dos resultados obtidos, consolidando os aprendizados e formulando novas propostas.

Segundo Lück (2003) existem três fases na elaboração do projeto: os estudos preliminares, o anteprojeto e o projeto final. Comparando com as fases apontadas por Moura e

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Barbosa, os estudos preliminares e o anteprojeto correspondem a inicialização onde a idéia central do projeto é estabelecida. Enfatiza que é neste momento que se inicia a mobilização das pessoas que serão envolvidas no projeto, desenvolvendo-se as bases para um processo cooperativo. O projeto final corresponde à fase do planejamento onde são especificados os objetos de mudanças, as ações, o método, os recursos e prazos necessários. Após o projeto final, como os demais autores, propõe implementação, monitoramento e avaliação dos mesmos.

O planejamento pode ser uma tarefa árdua pela cultura imediatista de muitas organizações, Moura e Barbosa (2006) dizem que apesar da tendência da implantação da cultura de projetos, o panorama atual da educação brasileira está impregnado da “cultura do improvisado”. Lück (2003) diz que a resistência é comum no planejamento de projetos, tem-se uma cultura de fazer sem planejar, sob alegações como: falta de tempo; descrédito; falta de conhecimento e hesitação em assumir responsabilidade, já que planejar pressupõe a definição de objetivos e o comprometimento. Para Nogueira (2004) o planejamento em si já é de grande valia, pois normalmente esperamos que nos digam exatamente o que fazer e como fazer, pois por muitos anos assim fomos ensinados. Planejar envolve autonomia e por isso é comum a resistência e argumentações sobre não saber por onde começar, o que fazer e sentir-se perdido.

Identificação, descrição da situação-problema, definição de objetivos e metas, delineamento do método, cronograma, previsão de custos e proposição da avaliação e monitoramento, são para Lück (2003) os elementos de um projeto. Com os objetivos se estabelecem os resultados esperados, deve se ter o cuidado para não traça-los de forma irreal e imprecisa, tornando-os inviáveis e gerando frustração nos envolvidos.

Ainda para Lück (2003), a fase de implementação do projeto pode ser ainda mais difícil que a de planejamento, pois ele “desestabiliza as práticas rotineiras, espontâneas e imediatistas, comumente adotadas no cotidiano organizacional” (p. 130). Assim ele é também impulsionador de conflitos e para que se viabilize é preciso negociar e mediar. As dificuldades que surgem devem ser contornadas e para isso é importante que todos conheçam os benefícios que o projeto irá proporcionar, que se tenha um canal de comunicação aberto entre os envolvidos e se formem equipes comprometidas com o alcance dos resultados.

Moura e Barbosa (2006) compreendem que uma das dificuldades no desenvolvimento de projetos é a confusão que existe entre os vários tipos de projetos no contexto educacional. Tentando elucidar esta questão apresentam a seguinte tipologia: projetos de intervenção;

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

projetos de pesquisa; projetos de desenvolvimento; projetos de ensino e projetos de trabalho. Pontuam que os mesmos não são excludentes, podendo estar articulados e integrados. No presente artigo, abordaremos os projetos de trabalho que são nosso foco de atuação. Para os autores (2006, p. 28):

Projetos de Trabalho: são projetos desenvolvidos por alunos em uma (ou mais) disciplinas, no contexto escolar, sob a orientação de professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e o desenvolvimento de competências e habilidades específicas.

Ainda vale trazer Le Boterf (2003), que define competência profissional como a importância da evolução da formação contínua e da formação como investimento. Para ele, no momento que uma situação de trabalho envolver a reflexão, formalização e análise do objeto, aí considerar-se-á um acréscimo à competência. Aqui, na idéia proposta de projeto interdisciplinar, envolvendo todos os docentes, para criar uma situação onde o aluno possa desenvolver uma situação prática, assim vivenciando-a e, principalmente, refletindo, analisando e criticando o processo, confirma-se a possibilidade de alunos mais competentes profissionalmente.

Um dos pressupostos da metodologia de projetos é que as situações-problema da vida real devem estar vinculadas ao objeto central do projeto, promovendo assim uma aprendizagem significativa. Entre as diretrizes fundamentais para o desenvolvimento de projetos de trabalho, apresentam-se: definição do limite de tempo para sua realização; utilização de recursos múltiplos que despertem o interesse dos alunos; contemplação de uma “finalidade útil de modo que os alunos tenham uma percepção de um sentido real dos projetos propostos”; escolha compartilhada dos temas, com negociação entre discentes e docentes levando em conta objetivos e interesses múltiplos e a “socialização dos resultados do projeto em diversos níveis de comunicação” (MOURA e BARBOSA, 2006, p. 219).

Tendo estas concepções de projetos de trabalho, é interessante pensá-los no contexto da interdisciplinaridade. Os projetos instigam a promoção de trocas em diferentes níveis, propiciando aos alunos a descoberta das inter-relações que existem entre os conhecimentos e entre os indivíduos. De modo a articular as competências necessárias à elaboração do projeto e resolução da problemática. O foco no futuro, participação e envolvimento dos atores, tomada de decisão, processo mental interativo e formação de equipes, segundo Lück (2003), são condições essenciais ao desenvolvimento dos projetos.

Pode-se dizer que os pensamentos dos autores discutidos convergem sobre o caráter participativo, cooperativo e coletivo dos projetos. Neste processo de colaboração e

participação dos envolvidos torna-se essencial formar equipes com uma atitude interdisciplinar, onde seus componentes estejam abertos ao novo, à troca, e comprometidos com a intenção do projeto.

3 Equipes Interdisciplinares

A formação de equipes é fundamental para o trabalho com projetos interdisciplinares. Sem a interação de uma equipe é muito provável que o projeto seja concretizado como uma série de atividades isoladas e sem um objetivo comum. Segundo Nogueira (2004), o projeto só terá êxito com uma equipe integrada, diferente de “um grupo de professores que realiza um monólogo coletivo” (p. 134). Entende-se como monólogo coletivo aqueles “trabalhos normalmente realizados com um tema único, porém com independência total de planejamentos, objetivos e processos sem uma coordenação” (p. 134). Seguindo a linha de pensamento de Nogueira, tem-se em Castilhos (2002, p. 92) o conceito de silêncio, sendo este “uma expressão não-verbal do grupo, que comunica muitas vezes mais que as palavras”. Os monólogos coletivos, muitas vezes, estão permeados por silêncios dos demais participantes, podendo significar desconfiança, conflito, desinteresse, como também, admiração e reflexão.

Para um projeto dar certo, a equipe deverá comunicar-se abertamente com a finalidade de planejar, trocar informações, avaliar o processo e redefinir percursos caso seja necessário. Para isso é preciso que reservem tempo para reuniões sistemáticas, sejam virtuais ou presenciais, para discutir e acompanhar o projeto. Segundo Jupiassu apud Nogueira (2004) “é preciso transpor o primeiro grande obstáculo a um empreendimento realmente comum: o da linguagem. Nenhum trabalho poderá ser feito enquanto não for superado o ‘babelismo’ lingüístico” (p. 135). Esta transposição passa pela atitude interdisciplinar de reconhecer os não saberes e estar disposto a aprender. Também é muito importante para que conceitos sob olhares de diferentes áreas sejam discutidos. Se não forem discutidos nesta instância certamente serão em algum momento em sala de aula com os alunos, pois certamente eles serão os primeiros a perceber a dissonância na linguagem e informações dos professores integrantes do projeto, o que pode comprometer a eficácia do trabalho.

Isto não quer dizer que todos os professores deverão utilizar uma terminologia única, já que cada disciplina tem suas especificidades, mas objetivos devem ser definidos, entendidos e clarificados nesta linguagem comum. Nogueira (2004) destaca que a comunicação é o outro obstáculo a ser enfrentado pelos docentes, lembrando que

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

“comunicação não é aquilo que se fala, mas aquilo que se entende; portanto, é necessário checar o bom entendimento de todas as ações pelos membros da equipe, garantindo desta forma o caminho rumo aos objetivos estabelecidos” (p. 135).

Quando se fala de equipe interdisciplinar, é interessante salientar que autores como Moscovici (2007) e Castilhos (2002) não fazem distinção entre as expressões grupo e equipe, e em muitos momentos os trazem como sinônimos. Moscovici (2007) salienta que o alvo do processo de influência social, enfocando a aprendizagem do ensino tradicional é o nível cognitivo, já na educação de laboratório (onde se pode situar os projetos interdisciplinares) é o das atitudes, “englobando funções e experiências cognitivas efetivas” (p.5). Neste contexto, os docentes, além de facilitadores do grupo de discentes, também fazem parte de uma equipe/grupo, enfrentando suas limitações como participantes. Assim, a comunicação não é a única barreira, mas há também as reações características dos grupos que, segundo Castilhos (2002), também envolvem o comprometimento, identificação com a proposta, ritmo e tensões provenientes do trabalho em conjunto. A autora ressalta que os grupos organizacionais, ou seja, aqueles que se estruturam a partir de uma solicitação da própria empresa (no caso dos projetos interdisciplinares), são difíceis de conduzir devido a algumas variáveis nem sempre controláveis. Estas variáveis estão ligadas a questões de poder, jogos psicológicos, comunicação (como anteriormente comentado), objetivos pessoais e experiências anteriores. Neste momento destaca-se, também, que a coordenação deste grupo é escolhida por ele mesmo, e, em alguns casos, pode até ser alguém sem o devido preparo.

4 Em busca de uma metodologia de projetos interdisciplinares: a experiência do Curso de Hotelaria da Fatec Senac/RS

Quanto nossa experiência nos projetos interdisciplinares, podemos dizer que elas são frutos de dois eixos: a atitude interdisciplinar de alguns docentes e o trabalho de desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) por meio de Grupos de Trabalho (GT). Conforme Fazenda, (2005) a interdisciplinaridade muitas vezes é originada em uma pessoa e se difunde aos demais membros do grupo. Mas conforme Severino (2007) é preciso existir uma intencionalidade para ser efetivada. Assim acreditamos que o desenvolvimento do PPC foi preponderante para a realização destes projetos, pois nele estabelecemos o perfil do egresso e os objetivos do curso que explicitam e norteiam nossa intenção.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Hoje existem três projetos de trabalho interdisciplinar ao longo dos cinco semestres do Curso, em estágios diferentes de maturação, a saber: “Plano de Negócios”, “Projeto Hotelaria em Debate” e “Projeto Empreendedor”. O primeiro originou-se da ação dos docentes das disciplinas Introdução à Administração e Fundamentos do Turismo e da Hospitalidade, o segundo da disciplina de Cerimonial e Etiqueta e o terceiro da ação pedagógica dos professores de Empreendedorismo e Marketing Hoteleiro. Em agosto de 2007, em reunião docente de finalização do semestre, convidamos estes professores para exporem seus projetos ao grupo a fim de que mais disciplinas se agregassem e que pudéssemos desenvolver uma metodologia para realização dos mesmos. Propusemos um modelo para elaboração dos projetos, definimos os Grupos de Trabalho e uma carga horária mensal de 4 horas/mês para o planejamento e acompanhamento dos projetos.

Como resultado desta abordagem, no segundo semestre de 2007, no GT Plano de Negócios, foram agregadas as disciplinas de Estrutura e Organização da Empresa Hoteleira, Fundamentos da Economia e Metodologia da Pesquisa. Adotamos o modelo de projeto já utilizado pelas docentes que o iniciaram como base, adaptando e aprimorando as especificidades dentro do novo contexto. Delineamos como objetivo geral à articulação do conhecimento das disciplinas no planejamento da criação de um empreendimento de hospedagem, tendo como objetivos específicos: exercitar as diversas etapas da elaboração de um planejamento; conhecer a dinâmica de funcionamento de um empreendimento de hospedagem, ter uma visão sistêmica do mercado do turismo e da hospitalidade e estimular o desenvolvimento da autonomia, criatividade e empreendedorismo dos alunos. Estes objetivos nortearam a definição das atividades e ações, método, cronograma, acompanhamento e avaliação do projeto. O documento resultante deste processo é entregue aos alunos no início das atividades buscando envolvê-los, proporcionando a reflexão e compreensão da proposta, negociando possíveis alterações.

O projeto do “Evento Hotelaria em Debate” visa que os alunos planejem e executem um evento aberto ao público sobre uma temática relacionada à hotelaria. O planejamento do evento envolve a definição e captação de palestrantes, definição do cerimonial e protocolo, elaboração do orçamento e sua submissão para aprovação da Faculdade, busca de patrocínio e divulgação. O evento deve encerrar com um espaço para socialização oferecendo-se um *coffee-break* ou uma refeição rápida, que também é de responsabilidade dos alunos o planejamento, elaboração e serviço. As disciplinas que atualmente participam do projeto são: Cerimonial e Etiqueta, Serviços de Alimentos e Bebidas, Técnicas de Nutrição e Produção

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Alimentar, Custos e Instituições de Direito e Legislação Hoteleira. É um projeto de trabalho interdisciplinar mais complexo, pois envolve a comunidade externa e a captação de recursos para sua realização.

No Projeto Empreendedorismo, os alunos propõem uma idéia empreendedora e conseqüentemente elaboram um Plano de Marketing fundamentado numa situação-problema de uma organização hoteleira. As disciplinas envolvidas são: Marketing Hoteleiro, Empreendedorismo, Manutenção e Segurança do Trabalho e Gestão de Pessoas. A participação das disciplinas de Manutenção e Segurança do Trabalho e Gestão de Pessoas foca-se no suporte aos alunos para refletir quanto à possibilidade de implementação do Plano de Marketing, em relação às políticas de Recursos Humanos e gerenciamento dos riscos ambientais.

Todos os projetos são negociados com os alunos e permitem a escolha do objeto de trabalho. São eles que escolhem o meio de hospedagem a ser desenvolvido no plano de negócios, a forma e o tema dos eventos, e a empresa e situação problema para propor o projeto empreendedor. Conforme Nogueira (2004), o projeto é antecedido por um sonho, uma necessidade que levará a investigar determinado tema, assim a coordenação os professores não podem estar “sonhando” o projeto no lugar de seus executores: os alunos. Nesta concepção, o projeto deve ser desde sua fase inicial uma construção coletiva, não devendo ser traçado sozinho de dentro de um gabinete. Isto não quer dizer que não se deva refletir é papel do docente ou grupo de docentes o planejamento e a proposição das atividades, entretanto eles somente serão concretizados no momento em que os demais envolvidos se apropriem do projeto e os executem, transformando-o em realidade.

Todo processo de desenvolvimento dos projetos de trabalhos pelos alunos são acompanhados e avaliados pelos docentes. Dependendo da ação ou atividade, determinado professor assume o papel de orientador com cuidado para nunca perder a visão global do projeto. O ponto culminante do trabalho se dá na apresentação dos projetos, conforme Nogueira (2004) neste momento se comemora o término do projeto, oportunizando-se aos sujeitos mostrarem suas descobertas, conclusões e criações. Além disso, nestes momentos de comunicação e do reconhecimento dos envolvidos. Nesta etapa temos também a avaliação que é propícia para um novo aprendizado.

Em situação específica, notamos que os “iniciadores” do projeto demonstraram dificuldades em integrar-se com os novos membros, gerando um sentimento de exclusão. Por outro lado, os docentes que se sentiram excluídos, nada fizeram para incluírem-se. A atitude

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

apresentada pelo grupo estava claramente permeada de silêncios e boicotes, muito distante da atitude dialógica e interdisciplinar. Constatamos que o sucesso do trabalho está intimamente ligado ao papel exercido pelo líder do projeto, ele precisa estar muito comprometido, assumindo suas responsabilidades, convocando o grupo para reuniões, fazendo os relatos destas e envolvendo-se com os demais participantes para promover a coesão do grupo. A falta de coordenação, barreiras em relação à comunicação e confiança, concluindo-se que há necessidade de preparação dos docentes para trabalhar com a interdisciplinaridade de forma eficaz e responsável.

Considerações Finais

A opção pelos projetos de trabalhos interdisciplinares não é um caminho fácil nem para os professores nem para os alunos porque envolve despir-se de conceitos e estar aberto ao novo, estar disponível a mudar e transformar a ação pedagógica. São vários os obstáculos que estamos enfrentando nesta jornada. A abertura dos projetos para integração de outras disciplinas foi muito bem recebida, contudo a articulação entre as mesmas se mostra às vezes tortuosa e conflitante.

Muito se fala em interdisciplinaridade, contudo Fazenda (2007), ao longo de suas pesquisas constatou que muitos docentes passaram a adotar de forma intuitiva práticas interdisciplinares, adotando a nomenclatura para designar diferentes tipos de trabalhos e projetos sem consistência cognitiva e na sua opinião inconsistentes para o agir interdisciplinar.

No caso da Fatec observa-se que há apoio e incentivo da coordenação do Curso e Direção para que os projetos prosperem, assim como, a pré-disposição dos docentes a participar. Mesmo com todos estes pontos positivos, ainda há alguns obstáculos a serem superados, pois os projetos estão no limite da participação dos professores. Deste modo, seguem algumas sugestões para o sucesso da continuidade:

- Preparar os docentes quanto os conceitos de elaboração e gerenciamento de projetos;
- Oferecer suporte profissional, aos docentes, quanto à dinâmica do trabalho em grupo, fortalecendo a coesão, comunicação e atingimento das metas do projeto.

Ressalta-se que atualmente os projetos atingem os objetivos propostos, como também, a complementação da formação da competência profissional dos discentes.

Referências Bibliográficas

CASTILHOS, Áurea. **Dinâmica do trabalho em grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

CAVALIERI, Adriana. A estrutura e a Norma de Gerenciamento de Projetos. In: **Como se tornar um profissional em Gerenciamento de Projetos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005. p. 01-16.

ELIAS, Marisa Del Cioppo; FELDMANN, Marina Graziela. A busca da interdisciplinaridade e competência nas disciplinas dos cursos de Pedagogia. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 91-102.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: _____ (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2007. p. 109-132.

_____, Ivani Catarina Arantes (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 91-102.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Maria Elisa de M. P.. Ciência e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-22.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. Interdisciplinaridade e Questões de Aprendizagem. In: Seminário Internacional de Educação, 10.2005, Cachoeira do Sul. SIEDUCA. Cachoeira do Sul: ULBRA, 2005. Disponível em: <http://www.sieduca.com.br>, acesso em: 22 abril 2008.

KLEIN, J. T. Ensino interdisciplinar: didática e teoria. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 12ª ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 11-30.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LENOIR, Y. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998. p. 45-75.

LÜCK, Heloísa. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 5 ed. Campinas: Papirus, 1997.

Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina

Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal**: treinamento em grupo. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MOURA, Dácio G.; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com projetos**: Planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis: Vozes, 2006.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 5ª ed. São Paulo, Editora Érica, 2001.

ROBBINS, Stephen Paul. **Fundamentos do comportamento organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: Fazenda, Ivani C. Arantes (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas – SP: Papirus, 2007. p. 31-44.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.